

VIRTUDE, FINANÇAS E CARÁTER NO CONTEXTO DA ÉTICA EMPRESARIAL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

VIRTUE, FINANCE AND CHARACTER IN THE CONTEXT OF BUSINESS ETHICS: A SYSTEMATIC REVIEW

VERTU, FINANCES ET CARACTÈRE DANS LE CONTEXTE DE L'ÉTHIQUE DES ENTREPRISES: UNE REVUE SYSTÉMATIQUE

Felipe Flôres Martins, MSc

Universidade do Estado de Santa Catarina/Brazil
martins.felipef@gmail.com

Maurício Custódio Serafim, Dr.

Universidade do Estado de Santa Catarina/Brazil
serafim.esag@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem por objetivo conhecer os principais artigos e definir os conceitos mais utilizados pelos autores acerca do tema ética das virtudes, finanças e caráter dentro do escopo da ética empresarial. Para tal, utilizou-se a revisão sistemática de forma a definir o estado da arte e cooperar com a expansão do tema. A busca por trabalhos nas bases de dados utilizadas encontrou EBSCO com 973 referências, Proquest com 1.347 referências, Scopus com 584 referências e Web of Science com 1.368 referências, apresentando um total de 4.272. Desse total, treze artigos que estavam dentro do escopo da Ética empresarial foram analisados completamente. Após a análise dos trabalhos foi possível identificar os principais conceitos utilizados pelos autores no tocante à ética das virtudes, finanças e caráter, quais sejam: visão disposicionista e situacionista da virtude; visão redutiva e não-redutiva da virtude; caráter organizacional e caráter individual e forças de caráter. Os assuntos mais tratados foram sobre caráter individual e organizacional. Apesar de incluirmos na pesquisa da base de dados o termo finanças, não foi destaque nos artigos analisados. Como pesquisas futuras, testes hipotético-dedutivos e experimentos com o auxílio da psicologia positiva e mais precisamente da pesquisa organizacional positiva (POS) podem trazer mais precisão sobre o tema de finanças e sua relação com a ética das virtudes e forças de caráter.

Palavras-chave: Ética das virtudes; Forças de caráter; Finanças; Ética empresarial, caráter.

ABSTRACT

This article aims to get to know the main articles and define the most used concepts by the authors about the ethics of virtues, finances and character within the scope of business ethics. For this, systematic review was used in order to define the state of the art and cooperate with the expansion of the theme. The search for works in the databases used found EBSCO with 973 references, Proquest with 1,347 references, Scopus with 584 references and Web of Science with 1,368 references, presenting a total of 4,272. Of this total, thirteen articles that were within the scope of business ethics were thoroughly analyzed. After the analysis of the works, it was possible to identify the main concepts used by the authors regarding the ethics of virtues, finances and character, namely: dispositionist and situationist view of virtue; reductive and non-reductive vision of virtue; organizational character and individual character and character strengths. The most discussed subjects were about individual and organizational character. Although the term finance was included in the database search, it was not highlighted in the articles analyzed. As future research, hypothetical-deductive tests and experiments with the aid of positive psychology and, more precisely, positive organizational research (POS) could bring more precision on the subject of finance and its relationship with the ethics of virtues and strengths of character.

Keywords: Ethics of virtues; Character strengths; Finance; Business ethics, character.



RESUMEN

Cet article vise à connaître les principaux articles et définit les concepts les plus utilisés par les auteurs sur l'éthique des vertus, des finances et du caractère dans le cadre de l'éthique des affaires. Pour cela, une revue systématique a été utilisée afin de définir l'état de l'art et de coopérer à l'expansion du thème. La recherche d'œuvres dans les bases de données utilisées a permis de trouver EBSCO avec 973 références, Proquest avec 1 347 références, Scopus avec 584 références et Web of Science avec 1 368 références, pour un total de 4 272. Sur ce total, treize articles entrant dans le champ de l'éthique des affaires ont fait l'objet d'une analyse approfondie. Après l'analyse des travaux, il a été possible d'identifier les principaux concepts utilisés par les auteurs concernant l'éthique des vertus, des finances et du caractère, à savoir: vision dispositionniste et situationniste de la vertu; vision réductrice et non réductrice de la vertu; caractère organisationnel et caractère individuel et forces du caractère. Les sujets les plus discutés concernaient le caractère individuel et organisationnel. Bien que le terme finance ait été inclus dans la recherche dans la base de données, il n'a pas été mis en évidence dans les articles analysés. À titre de recherche future, des tests et des expériences hypothétiques-déductifs à l'aide de la psychologie positive et, plus précisément, de la recherche organisationnelle positive (POS) pourraient apporter plus de précision sur le sujet de la finance et sa relation avec l'éthique des vertus et les forces du caractère.

Mots-clés: Éthique des vertus; Forces des personnages; La finance; Éthique des affaires, caractère.

1 INTRODUÇÃO

A questão da ética no mercado financeiro é um tema constantemente debatido, principalmente quando escândalos financeiros emergem, seja por meio de bancos, empresas não financeiras, pessoas físicas ou mesmo escândalos financeiros de natureza não jurídica.

MacIntyre (2007), autor contemporâneo muito reconhecido no campo da ética das virtudes propõe uma nova perspectiva para pesquisadores no âmbito da ética. Para MacIntyre (2015), o agente financeiro não possui as marcas de caráter moral, como a virtude da justiça ou a coragem na atuação profissional como agente financeiro. Descreve também que um bom agente financeiro possui traços de personalidade que o impede de ser bem-sucedido e ao mesmo tempo apresentar a virtude da coragem. Diante desta perspectiva, compreender como as pesquisas desta natureza estão sendo conduzidas torna-se essencial para o esclarecimento do tema em questão.

Assim, três perguntas de pesquisa foram estabelecidas: a) Como estão definidos os principais conceitos na pesquisa sobre ética das virtudes, caráter e finanças?; b) Quais são as principais direções de pesquisas futuras propostas pelos autores ou encontradas durante a revisão? e, c) Quais são as principais lacunas existentes? As respostas a essas perguntas podem ajudar a compreender melhor como está delineado o campo e como os conceitos transitam entre as proposições dos diversos autores, além de apontar possibilidades de pesquisas futuras.

Entre os principais autores, destaca-se Alzola (2008, 2015) com dois artigos no qual discorre acerca da abordagem disposicionista e situacionista, assim como a visão redutora e não-redutora da virtude. Outro autor que também aparece nesta pesquisa com dois artigos é Moore (2005, 2015).

Para este trabalho, desenvolveu-se uma revisão sistemática baseada no modelo de Petticrew e Roberts (2006) e Stroup e outros (2000) dos termos virtude, finanças e caráter. O trabalho está estruturado da seguinte maneira. Primeiramente é apresentado a metodologia utilizada e o fluxo de análise da revisão sistemática. Em seguida, é discorrido brevemente acerca da ética, mais especificamente da ética das virtudes, a relação da ética com as finanças e o caráter moral (forças de caráter). Posteriormente, os principais conceitos encontrados durante a

pesquisa são abordados. Por fim, destaca-se os apontamentos sobre pesquisas futuras definidas nos artigos analisados nesta pesquisa além das eventuais lacunas existentes.

2 METODOLOGIA

Realizou-se uma revisão sistemática baseada no modelo de Petticrew e Roberts (2006) e Stroup e outros (2000) dos termos virtude, finanças e caráter. O que se propôs então, foi conhecer melhor o tema em questão e poder definir seu estado da arte.

Uma das primeiras questões a ser discutida em uma análise sistemática é se de fato ela é necessária (PETTICREW; ROBERTS, 2006). Juntamente com esta questão, saber quem usaria o resultado desta análise também é fator importante.

Neste sentido, a pesquisa segundo o questionamento de Petticrew e Roberts (2006) se torna necessária visto a importância de trazer luz a esta lacuna, mesmo que em uma área inicialmente específica como o caso da ética das virtudes e finanças. Em um segundo momento, explorar melhor o campo de forma a elucidar aspectos ainda não compreendidos, se apresenta como algo necessário ao contexto científico. Assim, pesquisadores poderão partir dessa análise para impulsionar suas respectivas pesquisas sem a necessidade de adentrar em ambientes inicialmente confusos. A partir de uma análise sistemática, os diversos conceitos podem ser estabelecidos, assim como o relacionar das diversas teorias propostas. Além do mais, um olhar minucioso nos aspectos metodológicos pode contribuir para a expansão do campo em pesquisas futuras.

Diante disto, estabeleceu-se três perguntas de pesquisa: (a) Como estão definidos os principais conceitos na pesquisa sobre ética das virtudes, caráter e finanças? e (b) Quais são as principais direções de pesquisas futuras propostas pelos autores ou encontradas durante a revisão? e, c) Quais são as principais lacunas existentes?

Definiu-se os descritores da pesquisa, os quais foram: *character strengths; strength of character; character strengths and virtues; business ethics and virtues; finances and virtues; e ethics and finance*. As bases de dados utilizadas foram: EBSCO com 973 referências encontradas, Proquest com 1.347 referências encontradas, Scopus com 584 referências encontradas e Web of Science com 1.368 referências encontradas, apresentando um total de 4.272. No quadro 1 é possível visualizar os termos de pesquisa e os artigos encontrados em cada base de dados pesquisada.

Quadro 1 - Termos de pesquisa e artigos por base de dados

nº	Termos de pesquisa					
1	"character strengths"	Ebsco	Proquest	Scopus	Web of Science	Total
2	"strength of character"					
3	"character strengths" AND "virtue"					
4	"business ethics" AND "virtue"					
5	"ethics" AND "finance"					
Total		973	1.347	584	1.368	4.272

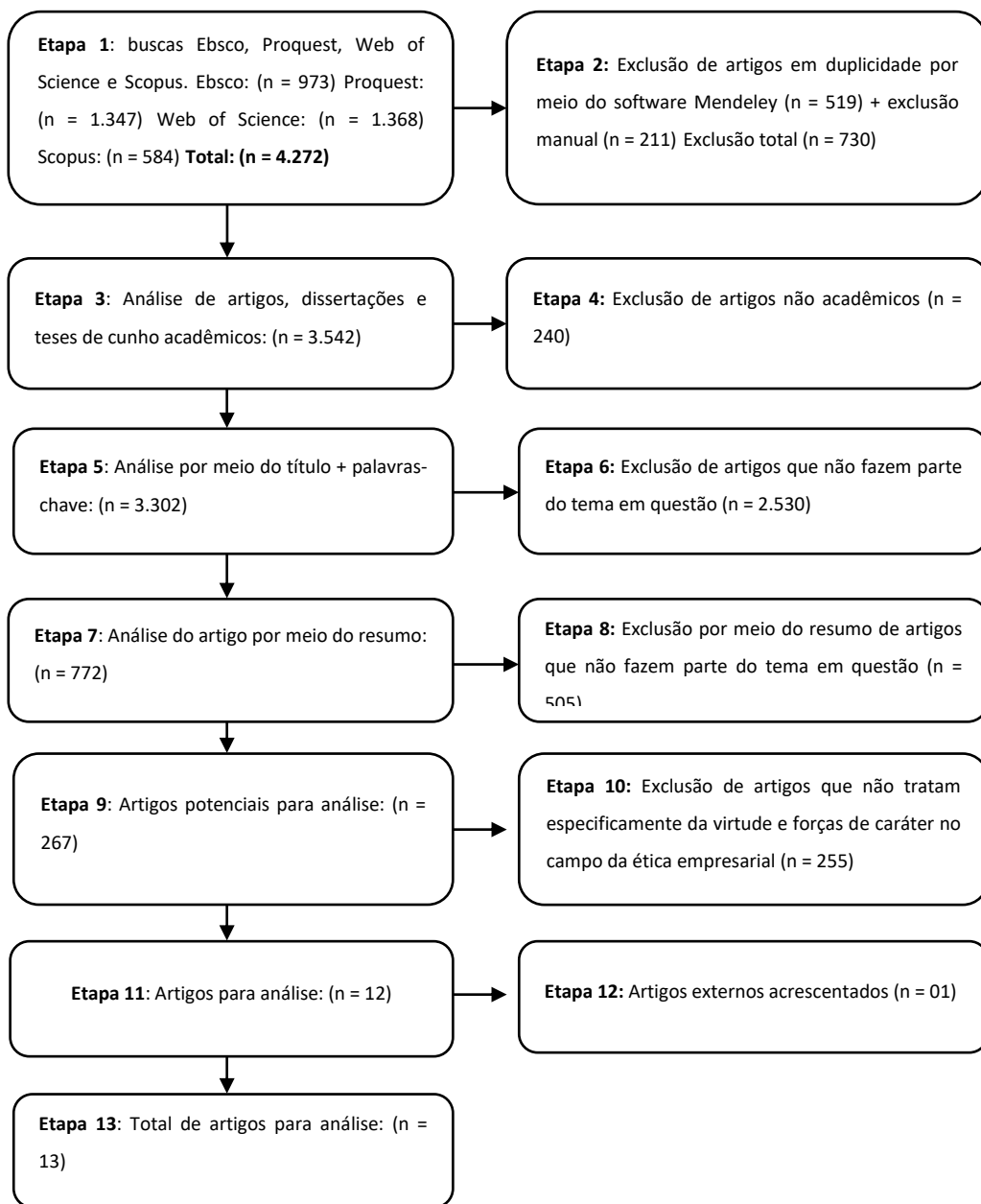
Fonte: elaborado pelos autores.

Em seguida, após as 4.272 referências encontradas realizou-se a exportação dos artigos para o *software* Mendeley. Assim, pode-se verificar com a ajuda do *software* quais dos artigos estavam em duplicidade. Foram excluídos então, 519 artigos. Após a exclusão, os artigos foram analisados manualmente ainda para a verificação de duplicidade. Com esta análise manual, foram excluídos 211 artigos que o Mendeley não identificou na primeira análise de duplicidade, restando 3.542. A etapa seguinte foi identificar as revistas que não publicam artigos, dissertações ou teses de cunho acadêmico. Com esta análise, exclui 240 referências restando 3.302. Com as 3.302 referências, foi possível iniciar o processo de analisá-las por meio do título e palavras-chave com o intuito de identificar quais não faziam parte da proposta específica para esta pesquisa, ou seja, forças de caráter e, virtude e finanças, sempre filtrados pela a grande área da ética empresarial. Assim, estudos voltados para áreas mais específicas que não ajudam a identificar as questões estudadas sob a perspectiva da ética empresarial não foram acolhidos. É importante ressaltar que se teve o cuidado de verificar muitos dos estudos voltados para a área de psicologia, visto que uma das principais teorias desta revisão, a qual trata de forças de caráter advém desse campo.

Após a proposta anterior de analisá-las por meio do título e palavras-chave (pós 3.302 referências), 772 referências foram mantidas. Uma segunda análise observando o resumo, bem como fazendo a classificação de referências que não tratavam dos três assuntos concomitantemente foi realizada. Nesta fase, restaram 267 referências. Das 267 referências, doze tratam especificamente da perspectiva de virtude e forças de caráter no campo de ética empresarial. Além do mais, um artigo importante para o tema no qual os autores tratam especificamente sobre o argumento de MacIntyre (2015), mas que não foi encontrado pela pesquisa, foi acrescentado. Obteve-se então, treze artigos completos para análise.

Na figura 1, apresenta-se o fluxo da pesquisa de forma a elucidar melhor o processo de seleção e exclusão dos artigos ora mencionados.

Figura 1 – Fluxo da pesquisa



Fonte: Adaptado do modelo PRISMA, por Moher et.al. (2009).

Por conseguinte, alguns conceitos-chave referentes a pesquisa são apresentados. Primeiramente, é discorrido brevemente acerca da ética, mais especificamente da ética das virtudes, a relação da ética com as finanças e o caráter moral (forças de caráter). Em seguida, os principais conceitos encontrados durante a pesquisa são abordados.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A ética das virtudes é uma ética que se diferencia de outras como a deontológica ou a utilitarista. Na ética das virtudes, a ação não é o foco principal de análise, nem somente a consequência ou resultado de certa ação. “Mas ao contrário da deontologia, a ética das virtudes presta atenção às particularidades dos agentes (motivos, intenções, hábitos, caráter, relacionamentos) e ações (circunstâncias, comunidade) e, ao contrário do utilitarismo, sustenta que as proibições sem exceção existem” (SISON; BEABOUT; FERRERO, 2017, p. viii).

A ética das virtudes teve como um dos principais precursores Aristóteles. Segundo Alzola (2015), Aristóteles descreve que a virtude é uma condição da alma e define uma virtude como um estado de caráter. Em seu trabalho chamado *Ética a Nicômaco* Aristóteles (2009) discorre sobre os aspectos morais inerentes no ser humano. Para ele, a virtude é uma inclinação, uma disposição de fazer o bem. Esta inclinação é adquirida e se aperfeiçoa com o hábito.

Ainda segundo Aristóteles (2009), pode-se dizer que há virtudes intelectuais e virtudes morais. Entre as virtudes intelectuais tem-se a sabedoria filosófica, a compreensão e a sabedoria prática, por exemplo. Entre as virtudes morais, a liberdade e a temperança. Enquanto as virtudes intelectuais são virtudes do pensamento, as virtudes morais são virtudes de caráter (ALZOLA, 2008, p. 344).

Sendo, pois, de duas espécies a virtude, intelectual e moral, a primeira, por via de regra, gera-se e cresce graças ao ensino — por isso requer experiência e tempo; enquanto a virtude moral é adquirida em resultado do hábito (ARISTÓTELES, 1991, p. 29).

Outro filósofo, contemporâneo e de suma importância para a ética das virtudes chama-se Asladair MacIntyre. Possui uma obra que se tornou seminal no estudo da moral que se chama *After Virtue* ou, numa tradução para o português, *Depois da Virtude*. MacIntyre segue uma linha Aristotélica-tomista, e seguindo esta tradição clássica, se tornou uma referência aos estudos da ética das virtudes atualmente.

Quando observamos as finanças pela perspectiva da ética, verificamos que a discussão não é nova. Mesmo Aristóteles, já discorreu sobre este assunto em *Ética a Nicômaco*. Descreveu Aristóteles que “quanto à vida consagrada ao ganho, é uma vida forçada, e a riqueza não é evidentemente o bem que procuramos: é algo de útil, nada mais, e ambicionado no interesse de outra coisa.” (ARISTOTLE, 2009, p. 7).

Para Aristóteles, as questões materiais como dinheiro devem servir a um bem maior, assim, não deve ser o fim de algo, mas o meio. MacIntyre (2015), discorre que o agente financeiro não possui as marcas de caráter moral, como a virtude da justiça ou a coragem na atuação profissional como agente financeiro. MacIntyre (2015), descreve também que um bom agente financeiro possui traços de personalidade que o impede de ser bem-sucedido ao mesmo tempo que apresenta a virtude da coragem.

Se para Aristóteles o dinheiro não deve ter um fim em si mesmo, Ferrero e Sison (2017) descrevem então que os seres humanos precisam de uma quantia finita para satisfazer as necessidades físicas ou corporais e alcançar o florescimento. Portanto, além dessa quantidade, mais dinheiro pode resultar em um empecilho do que uma ajuda, ou seja, mais, nem sempre é melhor.

Por outro lado, quando a virtude é analisada pela perspectiva da psicologia positiva, as forças de caráter têm um papel importante, além do mais, a abordagem da Positive Organizational Scholarship (POS) (pesquisa

organizacional positiva), amplia o foco da psicologia positiva e analisa a interação de indivíduos, grupos e organizações. Christopher Peterson e Martin E. P. Seligman são considerados uns dos principais autores ao tratarem as forças de caráter juntamente com a ética das virtudes. Os autores fazem uma classificação acerca de seis virtudes consideradas universais e vinte e quatro forças de caráter que compõem essas seis virtudes em um trabalho chamado: *Character strengths and virtues: a handbook and classification*.

Com isso, as forças de caráter podem nos ajudar com a identificação das virtudes de forma mais clara, pois, apresentam inúmeros elementos que representam, conforme Peterson e Seligman (2004, p. 16), “um bom equilíbrio entre questões concretas e o abstrato (virtudes morais)”.

4 CARÁTER INDIVIDUAL E ORGANIZACIONAL

Uma das principais questões desta pesquisa sistemática foi compreender a inter-relação que se dá entre os conceitos de virtude, finanças e caráter sempre sob a perspectiva geral da ética empresarial. Neste sentido, compreender esta inter-relação no mercado de trabalho, seja em corporações ou mesmo em organizações sem fins lucrativos, foi uma das principais inquietações iniciais. Dos artigos selecionados para análise, mesmo que o foco tenha sido o campo de finanças, apenas um artigo (ROCCHI; THUNDER, 2017) trata do tema especificando-o pelo contexto financeiro ao mesmo tempo que se utilizam do arcabouço teórico da virtude pela perspectiva do caráter moral. Os demais artigos trataram de conceitos diversos no ambiente geral das organizações.

Desta forma, inicia-se por Alzola (2008) que faz uma análise teórica a respeito da perspectiva proposta pelos *Situacionistas* e os *Disposicionistas* com relação ao comportamento humano, suas respectivas respostas de traços de caráter e consequente virtude. Para ficar mais claro, existe um debate acerca dos argumentos dos situacionistas em relação aos disposicionista. Na opinião dos situacionistas o comportamento não é uma resposta das características próprias do indivíduo, ou seja, não afirmam a existência de traços de caráter ou de personalidade. Neste sentido, alegam que o comportamento humano é determinado por fatores situacionais em vez de por traços disposicionais.

Alzola (2008), aborda sistematicamente o debate entre disposicionalistas e situacionistas sobre a existência e propriedades dos traços de caráter e suas manifestações (se houver) no comportamento humano, com o objetivo final de responder à questão se de fato os eticistas da virtude precisam se desfazer da noção de caráter a fim de explicar os resultados da psicologia experimental (ALZOLA, 2008, p. 344).

De modo geral, Alzola (2008) apresenta o argumento situacionista contra a existência e poder preditivo dos traços de caráter e o papel do caráter na ética das virtudes. Em seguida, descreve sobre o que há de errado com o situacionismo e apresenta objeções metodológicas sobre a interpretação dos dados empíricos na psicologia social. Além de sugerir como a ética das virtudes pode se beneficiar das descobertas empíricas da psicologia social.

A evidência empírica da psicologia experimental não prova a inexistência de traços de caráter ou a falta de influência determinante de traços, por estas razões:

o contexto experimental é diferente dos contextos naturais; os dados empíricos não apoiam consistentemente a tese de que a situação governa o comportamento, mas fornecem algum suporte para a influência das variáveis de personalidade no comportamento; as condições experimentais impedem a expressão comportamental das virtudes; estudos transversais não rastreiam o comportamento do sujeito em todas as situações; inferências do comportamento individual do comportamento do grupo podem ser enganosas; e inferências do comportamento adulto a partir do comportamento infantil são inadequadas no campo do raciocínio moral (ALZOLA, 2008, p. 344).

Com isto, buscou demonstrar que o argumento situacionista não prejudica a teoria moral baseada em caráter como situacionistas buscam demonstrar, mas, enfatiza que os eticistas da virtude devem levar em conta os experimentos da psicologia experimental a fim de esclarecer sua noção de traços de caráter, o status das virtudes morais e as conexões entre disposições e comportamento humano (ALZOLA, 2008, p. 354).

Na conclusão de sua análise, Alzola (2008) aponta que a psicologia moral aristotélica de 2.300 anos pode ser salva com segurança do ataque situacionista sem negar nossa intuição de que ambas as disposições e situações contribuem para moldar o comportamento moral (ALZOLA, 2008, p. 354).

Já no seu trabalho de 2015, também teórico, Alzola examina o conflito que há nas duas concepções de virtude, a visão redutiva e a não-redutiva. Aqui, cabe enfatizar que a visão redutiva trata especificamente de características disposicionistas ora tratadas no artigo de 2008. Assim, Alzola avança em propor uma perspectiva não-redutiva como ele conceitua, em detrimento da visão redutiva, ou disposicionista. Assim, descreve que a “visão não-redutiva é a melhor explicação filosófica da virtude e a única que pode explicar a maneira como falamos sobre a virtude nos negócios e na vida cotidiana” (ALZOLA, 2015, p. 287). Alzola (2015) deixa claro que a abordagem redutiva se dá por uma disposição de obedecer a uma regra moral. Para tal, ele discorre sobre o exemplo da honestidade, dizendo que esta virtude pode ser reduzida a uma disposição para obedecer à regra moral que proíbe a alguém, entre outras coisas, mentir ou intencionalmente enganar os outros.

Neste sentido, aborda também que a virtude da benevolência é fundamentalmente uma disposição para realizar ações de acordo com o dever de benevolência. Além do mais, uma objeção que Alzola (2015, p. 300) faz é que, se as virtudes são reduzidas a disposições para seguir certas regras éticas, a essência da virtude é perdida, de modo que não precisamos falar de virtude moral. A estratégia redutora nos aconselha a encontrar e justificar regras e princípios fundamentais.

Descreve ainda que o que constitui uma pessoa honesta, por exemplo, não se esgota em nenhum catálogo de possíveis ações honestas que ele possa realizar. Ser honesto envolve qualidades de caráter próprias da pessoa honesta e são essas qualidades que estabelecem as ações que a honestidade exige. Qualidades de caráter são normativamente mais básicas do que regras e ações (ALZOLA, 2015, p. 305-306). Neste sentido, descreve que a abordagem não-redutiva sustenta que a virtude não é uma disposição de se comportar conforme certas regras de ação. Assim, explica que para que uma virtude expresse uma marca de bom caráter, ela deve expressar estados internos apropriados. Enfatiza ainda que a diferença da visão não-redutiva para a redutiva é que a redutiva acaba por reduzir a virtude para aspectos comportamentais, negligenciando a dimensão interna.

Uma vez que minimizamos o caráter e com ele a responsabilidade e colocamos toda a ênfase de volta no ambiente, na "situação", tudo o que resta é projetar as circunstâncias favoráveis ao comportamento desejável (SOLOMON, 2003, p. 58).

Baseando-se na ideia da dimensão interna, Alzola (2015) aponta que a “virtude tem quatro elementos, a saber, um componente intelectual, emocional, motivacional e comportamental.

Com isso, Alzola (2015) afirma que a visão não-redutora se sobrepõe a visão redutora, pois, para ele as virtudes não podem ser reduzidas uma as outras, ou seja, é preciso manter os quatro elementos de caráter (intelectual, emocional, motivacional e comportamental). Por fim, afirma ainda que as virtudes não podem ser reduzidas a princípios e regras, caso contrário, perderiam a essência da virtude.

Pela perspectiva de Audi (2012), a virtude varia dependendo do caso. Ela pode estar mais ou menos enraizada; dominar o comportamento da pessoa; integrar alguns traços de caráter e; aparentemente diferente do que Alzola (2015) afirma, pode estar ligada a questões de não virtudes ou mesmo ligadas a todas as virtudes, além do mais, até mesmo variar de inúmeras outras maneiras. Para Audi (2012), tanto o cognitivo quanto o motivacional são elementos centrais para qualquer virtude.

Audi (2012) descreve em uma análise teórica que a noção sobre a virtude fica mais fácil ao incluir a observação de pelo menos seis dimensões, as quais são: campo (área); alvo (objetivo); beneficiários; entendimento agencial; motivação; fundamento.

Embora Audi (2012) faça uma notável distinção da ética das virtudes em relação a ética baseada em regras (*rule ethics*), Alzola (2015) claramente critica aspectos voltados a motivação do agente, propondo outros elementos para que o conceito de ética seja de fato funcional na prática.

Quando tratamos acerca do traço de caráter explicitado por Audi (2012), podemos dividi-lo em caráter individual e caráter organizacional. Assim, caráter individual diz respeito às características virtuosas de indivíduos e caráter organizacional diz respeito a características de organizações engajadas em práticas de excelência (virtuosas).

Entretanto, é preciso esclarecer que quando se trata de organizações virtuosas, metáforas são usadas. Baseado no trabalho de Gareth Morgan (*images of organizations*), Moore (2017) descreve que Morgan introduziu a ideia de que a “maneira como pensamos sobre as organizações, as imagens que temos delas em nossas mentes, é o que normalmente chamamos de metáforas”. Neste sentido, é preciso compreender que:

As metáforas são importantes porque nos fornecem maneiras de pensar e de ver que têm uma influência significativa sobre como entendemos nosso mundo e, portanto, também sobre como agimos dentro dele. A metáfora, portanto, produz uma visão, permitindo-nos melhorar nossa compreensão das coisas (MOORE, 2017, p. 20).

Assim, “virtudes organizacionais são características éticas de organizações que podem ser operacionalizadas usando traços de personalidade humana validados como personalidade corporativa” (CHUN, 2005, p. 270). Para Chun (2005), virtudes são traços de caráter ético. A autora, que por intermédio de uma abordagem quantitativa e com métodos hipotético-dedutivo e análise de conteúdo, desenvolve uma escala de caráter (virtude) de forma a permitir por intermédio dela a avaliação da relação organizacional da virtude com outras questões como o desempenho financeiro. Com base em três pressuposto teóricos faz uma análise de conteúdo de documentos de 158 empresas e pesquisa uma amostra de 2.548 pessoas de 6 diferentes empresas Britânicas.

Ainda como forma a fundamentar o conceito de organização virtuosa, Bright e outros (2014) descrevem que “uma organização não é meramente um contêiner passivo que contém as virtudes de seus membros, mas fornece um contexto mais generativo (ou talvez deletério) no qual os membros da organização interagem de maneiras que estimulam, capacitam e/ou aprimoram (ou talvez diminuem ou inibir) virtude” (BRIGHT et. al., 2014, p. 456).

Moore (2015), no sentido de ampliar as discussões realizadas, principalmente em seu artigo de 2005, faz uma revisão a respeito da virtude corporativa, bem como prove uma definição revisada a respeito do caráter corporativo. Neste sentido, descreve que:

Caráter corporativo é o resumo das características que se desenvolvem ao longo do tempo em resposta aos desafios, oportunidades e à busca da virtude de uma empresa. Uma corporação pode ser caracterizada pela medida em que possui e exerce virtudes morais (e carece dos vícios associados) e na medida em que se baseia na virtude intelectual da sabedoria prática em sua busca de um bom propósito e em permitir a correta ordenação em sua busca de excelência e sucesso (MOORE, 2015, p. 109).

Por mais que o termo usado por Moore em ambos dos seus trabalhos (2005; 2015) é caráter corporativo, Moore (2017) deixa claro que sua análise é uma representação genérica de organizações. Assim, o conceito não faz parte apenas do ambiente corporativo, mas para aplicação em vários tipos organizacionais.

Já no trabalho de Thun e Kelloway (2011), eles analisam o caráter individual pela perspectiva de Peterson e Seligman (2004). A proposta dos autores foi testar e comparar um modelo de liderança baseada em caráter. Assim, trabalham a virtuosidade nas organizações e se baseiam no caráter do líder, mais especificamente nas forças de caráter propostas por Peterson e Seligman (2004).

Utilizando-se da psicologia positiva e da perspectiva de virtudes de Aristóteles, Morales-Sánchez e Cabello-Medina (2015) buscam esclarecer o conceito de traços de caráter, ou virtudes, além de uma versão operacional unificada para a incorporação à gestão. Os autores fazem um apontamento acerca da diferença teórica do que seria traços de personalidade e traços de caráter. Neste sentido, descrevem sobre a virtude pela perspectiva de Aristóteles, em seguida, definem amplamente o conceito de caráter baseado na psicologia positiva, mais especificamente, nos trabalhos de Peterson e Seligman (2004). Por fim apresentam uma “lista de competências morais que podem ser implementadas no gerenciamento de recursos humanos baseado em competências” (MORALES-SÁNCHEZ; CABELLO-MEDINA, 2015, p. 256).

Já o trabalho de Rocchi e Thunder (2017), com foco no campo de finanças, traz perspectivas de integridade e crescimento em relação ao caráter moral (virtude) no ambiente financeiro em referência a posição de MacIntyre (2015). MacIntyre (2015) em seu artigo intitulado “a irrelevância da ética” afirma que “a aquisição das virtudes morais enfraqueceria a capacidade de alguém de ser um bom operador no sistema financeiro e, inversamente, que um treinamento adequado nas virtudes da boa negociação milita diretamente contra a aquisição das virtudes morais”. Com relação a esta afirmação de MacIntyre, Rocchi e Thunder (2017) contestam dizendo que “reconsideramos a acusação bastante condenatória de MacIntyre sobre negociações financeiras, argumentando que sua avaliação negativa é exagerada.

Para se ter uma ideia melhor do que MacIntyre (2015) analisa, bem como sobre quais conceitos ele discorre, é feito uma descrição antes de apontar quais as principais posições de Rocchi e Thunder (2017).

MacIntyre (2015) é enfático ao afirmar que um agente financeiro não pode agir com caráter no exercício de suas atividades, entre outras coisas, um agente financeiro não pode ser bem-sucedido e ser corajoso. Assim como nos seus demais trabalhos, apoia-se na ética das virtudes como pressuposto de uma ética moral. Neste sentido, usa a nomenclatura de *marcas de caráter moral* para descrever algumas características de agentes financeiros. Um realismo moderado sobre si, coragem, justiça e um senso de contexto histórico são as quatro marcas de caráter analisadas. MacIntyre também discorre sobre os traços de personalidade do agente financeiro em contraponto as marcas de caráter moral, os quais são: autoconhecimento (autoconfiança); tomadores de riscos; custo de transação humano (relação do eu com as outras pessoas); foco no presente e no futuro próximo. Com esta análise, MacIntyre (2015) propõe três conclusões. Primeiramente afirma que o ensino da ética não produz transformação. Em seguida, alega que treinar, propor e recomendar qualidades de caráter moral não prepara ninguém para o setor financeiro. Por fim, conclui que não sabemos mais como conectar o conteúdo que temos de ética das virtudes com a forma como pensamos sobre dinheiro.

Diante do exposto, Rocchi e Thunder (2017) fazem uma análise inicial das negociações financeira com base no exposto por MacIntyre, inclusive, o apoiam no sentido de que:

[...] a economia globalizada acumulou uma série de incentivos institucionais e culturais em favor de vícios como a ganância e a injustiça, como cenários de jogo ganha-perde e proteção legal para riscos imprudentes, junto com culturas que atribuem enorme prestígio à acumulação de vastas quantidades de riqueza por atores econômicos individuais (ROCCHI; THUNDER, 2017).

Descrevem ainda que “atividade de negociação financeira realizada por especuladores pode ser moralmente suspeita ou mesmo ilegal” [...] “esse comportamento efetivamente converteu a especulação financeira de uma atividade de investimento racional e socialmente benéfica em uma forma de jogo imprudente” (ROCCHI; THUNDER, 2017).

Entretanto, Rocchi e Thunder (2017) fazem uma defesa das negociações financeiras, descrevendo que há problemas, mas que a situação não é irremediável. Para tal, descrevem algumas razões. Em primeiro lugar, apontam que não podemos olhar para o mercado e as negociações com olhar de que todas as negociações feitas são ruins, apesar de muitas delas minarem a justiça e o bem comum, há inúmeras outras que contribuem para o bem. Um segundo ponto proposto pelos autores em relação ao exposto por MacIntyre é que nem todas as empresas são iguais, ou seja, que “em todas as condições de trabalho são igualmente corruptas ou, de fato, igualmente suscetíveis à corrupção” (ROCCHI; THUNDER, 2017). Em terceiro lugar, sinalizam que mesmo que haja incentivos para que indivíduos ajam de maneira duvidosa, agentes virtuosos tem uma perspectiva realista tanto para reagir positivamente a pressões “suaves” quanto em situações mais “duras”. Um quarto ponto é que a análise de uma prática social estruturada deve ter em mente que as tendências observadas na personalidade, mentalidade ou comportamento não são necessariamente representativas ou exemplares da prática no seu melhor (ROCCHI; THUNDER, 2017).

Por fim, Rocchi e Thunder (2017) descrevem que é possível a virtude em ambientes de trabalho no setor financeiro. Afirmam que:

[...] um ambiente de trabalho tolerável só produzirá comércio virtuoso na medida em que é ocupado por agentes virtuosos adaptativos, comerciantes que saibam exercer seus papéis com competência, adaptando-se às exigências sistêmicas, mas sempre de maneira crítica e responsável, movidos por virtudes como justiça, generosidade e prudência, preparados para promover reformas éticas adequadas ao seu ambiente de trabalho; sensíveis aos bens pessoais e comuns que estão em jogo em suas decisões (ROCCHI; THUNDER, 2017).

Assim como Rocchi e Thunder (2017), alguns autores têm se posicionado com relação a pesquisas que buscam aprofundar o tema em relação ao caráter moral, virtudes e caráter organizacional no que concerne as finanças. Um exemplo disto está no apontamento de Chun (2005, p. 282), no qual descreve que seria útil testar a ligação entre a escala de ética das virtudes e outras variáveis dependentes, tal como desempenho financeiro.

Na mesma perspectiva, Moore (2015) propõe a possibilidade de verificação empírica acerca de virtudes organizacionais por meio do uso de métodos apropriados. Assim, faz a proposição da conexão das virtudes morais com o desempenho organizacional. Com isso, seria possível determinar até que ponto o exercício das virtudes está conectado com o sucesso.

Wright e Goodstein (2007, p. 928), fazem uma revisão de caráter individual e organizacional além de apontar possibilidades futuras de pesquisa. Para eles, “o caráter (*ethos*) refere-se àquelas qualidades habituais interpenetráveis dentro dos indivíduos e aplicáveis a organizações que os limitam e os levam a desejar e buscar o bem pessoal e social”. Assim, propõem que as forças de caráter propostas por Peterson e Seligman (2004) são promissoras para investigação no mercado de trabalho. Descrevem ainda que “os acadêmicos organizacionais dedicaram atenção significativa ao entendimento de como o comportamento virtuoso das organizações, especificamente no que diz respeito ao alcance de altos níveis de desempenho social corporativo, está associado ao desempenho financeiro” (WRIGHT; GOODSTEIN, 2007, p. 946). Por fim, sugerem que há uma oportunidade clara de relacionar as virtudes organizacionais ao desempenho financeiro, bem como o fato de que “os estudiosos também podem dedicar atenção à virtude e ao caráter do nível organizacional como uma “variável dependente” e procurar estruturas e processos organizacionais que melhorem a virtuosidade organizacional” (WRIGHT; GOODSTEIN, 2007, p. 948).

É perceptível que as pesquisas diretamente ligadas as finanças não são abundantes como pode ser visto durante a análise dos artigos selecionados nesta revisão. Os artigos de forma geral concentram-se em analisar o caráter moral no ambiente de trabalho de forma mais abrangente, fazendo parte do escopo da ética empresarial. Entretanto, foi possível observar as diversas sugestões de autores (CHUN, 2005, 2016; WRIGHT; GOODSTEIN, 2007; MOORE, 2015; ROCCHI; THUNDER, 2017) ao aprofundamento de aspectos do caráter individual e organizacional ao desempenho financeiro.

5 CONCLUSÃO

O objetivo deste artigo foi conhecer os principais trabalhos e definir os conceitos mais utilizados pelos autores acerca do tema ética das virtudes, finanças e caráter dentro do escopo da ética empresarial. Com a análise, alguns temas se sobressaíram: visão disposicionista e situacionista da virtude; visão redutiva e não-redutiva da virtude; caráter organizacional e caráter individual e forças de caráter.

Por envolver o tema forças de caráter, a psicologia positiva como assunto, transitou por muitos dos artigos. Entretanto, não houve apontamentos mais profundos entre os trabalhos acerca das teorias do campo das finanças. A abordagem da ética das virtudes mais utilizada foi a partir de Aristóteles, além de MacIntyre, contemporâneo aristotélico-tomista.

Dos artigos analisados, apenas dois apresentaram procedimentos hipotético-dedutivos de abordagem quantitativa. Além de um estudo de caso, todos os demais seguiram uma discussão mais teórica em seus trabalhos. Alzola teve dois trabalhos analisados (2008; 2015). No primeiro, elaborou uma precisa discussão das virtudes por uma perspectiva situacionista em relação a visão disposicionista. No seu segundo trabalho, apresentou a abordagem redutiva e não-redutiva da virtude. O outro autor com destaque nesta análise foi Moore (2005; 2015). No seu primeiro trabalho ele discorre sobre o caráter corporativo baseando-se em MacIntyre. Posteriormente, no artigo de 2015, Moore propõe um fundamento baseado também em MacIntyre para virtudes organizacionais.

De forma geral, os assuntos mais tratados pelos autores foram a respeito de caráter individual e caráter organizacional. Mesmo que entre os termos usados para a pesquisa na base de dados incluiu-se o assunto finanças, este não foi destaque na apresentação dos artigos. Assim, os artigos seguiram mais a linha geral da ética empresarial do que especificamente finanças. Neste sentido, sugere-se um aprofundamento em relação as teorias de finanças e suas respectivas interfaces com a ética das virtudes e as forças de caráter. Outra possibilidade a ser investigada trata-se sobre as possibilidades empíricas. Testes hipotético-dedutivos e experimentos diversos poderão auxiliar os pesquisadores desta área a conhecer melhor o campo. Neste sentido, a psicologia positiva e mais precisamente a pesquisa organizacional positiva (POS) pode auxiliar com ferramentas e um referencial teórico mais desenvolvido com relação a abordagem quantitativa. Dos artigos analisados, entendemos que há lacunas em alguns pontos, como a falta de análise sobre os benefícios do mercado financeiro em relação aos aspectos da virtude. O argumento de MacIntyre (2015) a respeito das limitações que o mercado gera ao florescimento das virtudes essenciais para a atuação nesse campo não foram respondidas por ele, assim quando Rocchi e Thunder (2017) descrevem que a “atividade de negociação financeira realizada por especuladores pode ser moralmente suspeita ou mesmo ilegal”. Uma possibilidade de análise poderia ser os benefícios que as negociações financeiras geram diariamente, além da liquidez que o mercado financeiro proporciona. A relação de negócio entre as instituições financeiras que também geram essa liquidez deveria compor essa análise. Assim como os aspectos de proteção que inúmeras empresas fazem no mercado como operações de *hedge*, além de transações que geram liquidez a papéis de empresas diariamente, por exemplo. Um olhar minucioso nesses aspectos e sua inter-relação com as virtudes podem trazer respostas não encontradas nesta pesquisa.

Outra questão importante que há espaço para pesquisas são as análises mais quantitativas. Como já mencionado, entende-se que umas das possibilidades mais palpáveis é o uso da psicologia positiva como alternativa para testes mais empíricos e econométricos.

Uma limitação deste artigo foi sua abrangência: os trabalhos estão circunscritos na área de ética empresarial. Em uma próxima investigação, poder-se-ia investigar mais a respeito da psicologia positiva, que de forma geral se mostrou mais propensa a experimentos com abordagem quantitativa, além é claro de um referencial teórico acerca das forças de caráter mais denso em comparação com os demais campos analisados. Entendemos também que os filtros utilizados para a pesquisa nas bases de dados podem ter limitados os trabalhos que estivessem mais alinhados com o tema de finanças.

Artigo submetido para avaliação em 07/04/2020 e aceito para publicação em 10/07/2020

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: 4. ed., São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- ARISTOTLE. Translated by: ROSS, W. D. Revised with an Introduction and Notes by: BROWN, L. **The Nicomachean ethics**. Oxford: Oxford University Press. 2009.
- AUDI, R. Virtue ethics as a resource in business. **Business Ethics Quarterly**, 22(2), 273-291, 2012.
- ALZOLA, M. Character and environment: The status of virtues in organizations. **Journal of Business Ethics**, 78(3), 343-357, 2008.
- ALZOLA, M. Virtuous persons and virtuous actions in business ethics and organizational research. **Business Ethics Quarterly**, 25(3), 287-318. 2015.
- BAZERMAN, M. H., e TENBRUNSEL, A. E. Ethical breakdowns. **Harvard Business Review**, 89(4), 58-65, 2011.
- BAZERMAN, M. H.; GINO, F. Behavioral ethics: Toward a deeper understanding of moral judgment and dishonesty. **Annual Review of Law and Social Science**, 8, 85-104, 2012.
- BOAVENTURA, J. M. G., SILVA, R. S. D., e BANDEIRA-DE-MELLO, R. Corporate financial performance and corporate social performance: Methodological development and the theoretical contribution of empirical studies. **Revista Contabilidade & Finanças**, 23(60), 232-245, 2012.
- BRIGHT, D. S., WINN, B. A., e KANOV, J. Reconsidering virtue: Differences of perspective in virtue ethics and the positive social sciences. **Journal of Business Ethics**, 119(4), 445-460, 2014.
- CAMERON, K., BRIGHT, D.; CAZA, A. Exploring the relationships between organizational virtuousness and performance. **The American Behavioural Scientist**, 47(6), 766-790, 2004.
- CAMERON, K. S., DUTTON, J. E.; QUINN, R. E. An introduction to positive organizational scholarship. **Positive organizational scholarship**, 3(13), 2003.
- CAMERON, K., MORA, C., LEUTSCHER, T.; CALARCO, M. Effects of positive practices on organizational effectiveness. **The Journal of Applied Behavioural Science**, 47(3), 266-308, 2011.

- CAMERON, K. S., DUTTON, J. E.; QUINN, R. E. An introduction to positive organizational scholarship. **Positive organizational scholarship**, 3(13), 2003.
- COASE, R. H. The nature of the firm. **economica**, 4(16), 386-405, 1937.
- COHEN, T. R.; MORSE, L. Moral character: What it is and what it does. **Research in organizational behavior**, 34, 43-61, 2014.
- CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto. In **Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto**, Porto Alegre: Penso, 2010.
- CRESSWELL, J. W.; PLANO CLARK, V. L. **Pesquisa de métodos mistos**. 2.ed. Porto Alegre: Penso, 2013.
- CHUN, R. Ethical character and virtue of organizations: An empirical assessment and strategic implications. **Journal of Business Ethics**, 57(3), 269-284, 2005.
- CHUN, R. Organizational virtue and performance: An empirical study of customers and employees. **Journal of Business Ethics**, 146(4), 869-881, 2017.
- CROSSAN, M., MAZUTIS, D.; SEIJTS, G. In search of virtue: The role of virtues, values and character strengths in ethical decision making. **Journal of Business Ethics**, 113(4), 567-581, 2013.
- DOBSON, J. The role of ethics in finance. **Financial Analysts Journal**, 49(6), 57-61, 1993.
- DOBSON, J. Ethics in finance II. **Financial Analysts Journal**, 53(1), 15-25, 1997.
- DOBSON, J. Against MacIntyre: The corrupting power of practices. **Handbook of Virtue Ethics in Business and Management**, 89-98, 2017.
- FERRERO, I.; SISON, A. J. G. Aristotle and MacIntyre on the virtues in finance. In A. J. G. Sison (Ed.), **Handbook of virtue ethics in business and management** (Vol. 1–2, pp. 1153– 1162). Dordrecht: Springer, 2017.
- FUNDER, D. C.; FAST, L. A. **Personality in social psychology**, 2010.
- GENTRY, W. A., CULLEN, K. L., SOSIK, J. J., CHUN, J. U., LEUPOLD, C. R.; TONIDANDEL, S. Integrity's place among the character strengths of middle-level managers and top-level executives. **The Leadership Quarterly**, 24(3), 395-404, 2013.
- GINO, F., MOORE, D. A.; BAZERMAN, M. H. See no evil: When we overlook other people's unethical behavior. **Social decision making: Social dilemmas, social values, and ethical judgments**, 241-263, 2009.
- GUJARATI, N. **Basic Econometrics**, 2004.
- HAIR, J. F., BLACK, W. C., BABIN, B. J., ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L. **Análise multivariada de dados**. Bookman Editora, 2009.
- JENSEN, M. C. Value maximization, stakeholder theory, and the corporate objective function. **Journal of applied corporate finance**, 14(3), 8-21, 2001.
- KIM, Y.; COHEN, T. R. Moral character and workplace deviance: Recent research and current trends. **Current Opinion in Psychology**, 6, 134-138, 2015.
- LIBERATI, A., ALTMAN, D. G., TETZLAFF, J., MULROW, C., GÖTZSCHE, P. C., IOANNIDIS, J. P., ...; MOHER, D. The PRISMA statement for reporting systematic reviews and meta-analyses of studies that evaluate health care interventions: explanation and elaboration. **PLoS medicine**, 6(7), e1000100, 2009.

LITTMAN-OVADIA, H.; LAVY, S. Going the extra mile: Perseverance as a key character strength at work. **Journal of Career Assessment**, 24(2), 240-252, 2016.

MACINTYRE A. **After virtue**, 3rd ed. Duckworth, London, (2007 [1981]).

MACINTYRE, A. **The Irrelevance of Ethics**. In A. Bielskis & K. Knight (Eds.), *Virtue and Economy*. (pp. 7–21). Ashgate, 2015.

MELÉ, D. Ethical education in accounting: Integrating rules, values and virtues. **Journal of Business Ethics**, 57(1), 97-109, 2005.

MILGRAM, S.; GUDEHUS, C. **Obedience to authority**, 1978.

MOORE, G. Virtue in business: Alliance boots and an empirical exploration of Macintyre's conceptual framework. **Organization Studies**, 33(3), 363–387, 2012.

MOORE, G. (b). **Virtue at work: Ethics for individuals, managers, and organizations**. Oxford University Press, 2017.

MOORE, G.(a) **Organizational Character and Agency**. In A. J. G. Sison (Ed.), *Handbook of virtue ethics in business and management* (Vol. 1–2, pp. 592 - 598). Dordrecht: Springer, 2017.

MOORE, G. (2015). Corporate character, corporate virtues. **Business Ethics: A European Review**, 24, S99-S114, 2015.

MORGAN, G. Paradigms, metaphors, and puzzle solving in organization theory. **Administrative science quarterly**, 605-622, 1980.

MORALES-SÁNCHEZ, R.; CABELLO-MEDINA, C. Integrating character in management: Virtues, character strengths, and competencies. **Business Ethics: A European Review**, 24, S156-S174, 2015.

MORSE, L.; COHEN, T. R. Virtues and vices in workplace settings: The role of moral character in predicting counterproductive and citizenship behaviors. **Handbook of Virtue Ethics in Business and Management**, 1-11, 2015.

MORSE, L.; COHEN, T. R. Moral character in negotiation. **Academy of Management Perspectives**, 33(1), 12-25, 2019.

NEUENDORF, K. A. **The content analysis guidebook**. Sage, 2016.

NOELLI-NEUMANN E. **La espiral del silencio Opinión pública: nuestra piel social** Publisher: Oniro, Year: 2003.

ORLITZKY, M., SCHMIDT, F. L.; RYNES, S. L. Corporate social and financial performance: A meta-analysis. **Organization studies**, 24(3), 403-441, 2003.

PETTICREW M.; ROBERTS H. **Systematic Reviews in the Social Sciences: A practical guide**. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

PETERSON, C.; PARK, N. Character strengths in organizations. *Journal of Organizational Behavior: The International Journal of Industrial, Occupational and Organizational Psychology and Behavior*, 27(8), 1149-1154. 2006.

PETERSON, C.; SELIGMAN, M. E. P. **Character strengths and virtues: A handbook and classification**. New York: Oxford University Press and Washington, DC: American Psychological Association, 2004.

PRENTICE, R. Enron: a brief behavior autopsy 40 **AM. BUS. L.J.** 417 (2003).

- RACELIS, A. D. Examining the Global Financial Crisis from a Virtue Theory Lens. **Asia-Pacific Social Science Review**, 14(2), 23-38. 2014.
- REIMANN, B. C. Organizational effectiveness and management's public values: A canonical analysis. **Academy of Management Journal**, 18(2), 224-241. 1975.
- ROCCHI, M.; THUNDER, D. Can a good person be a good trader? An ethical defense of financial trading. **Journal of Business Ethics**, 1-15. 2017.
- RONCELLA, A.; FERRERO, I. A MacIntyrean Perspective on the Collapse of a Money Market Fund. **Journal of Business Ethics**, 1-15. 2018.
- SILVEIRA, A. D. M. **The Virtuous Barrel: How to Transform Corporate Scandals into Good Businesses via Behavioral Ethics**. Kindle Edition. 2018a.
- SILVEIRA, A. D. M. **Ética Empresarial na Prática: Soluções para gestão e governança no século XXI**. Alta Books Editora. 2018b.
- SISON, A. J. G., BEABOUT, G. R.; FERRERO, I. (Eds.). **Handbook of virtue ethics in business and management**. New York: Springer. 2017.
- SISON, A. G. **Corporate governance and ethics: An Aristotelian perspective**. Edward Elgar Publishing. 2010.
- SHANAHAN, K. J.; HYMAN, M. R. (2003). The development of a virtue ethics scale. **Journal of Business Ethics**, 42(2), 197-208.
- SOLOMON, R. C. Business ethics. In: SINGER, Peter (ed.). **A companion to ethics**. Malden, Mass.: Blackwell, 1993. pp. 354-65. Tradução: Francisco G. Heidemann.
- STROUP, D. F.; BERLIN, J. A.; MORTON, S. C.; OLKIN, I., WILLIAMSON, G. D.; RENNIE, D., et al. **Meta-analysis of observational studies in epidemiology: A proposal for reporting**. Meta-analysis of Observational Studies in Epidemiology (MOOSE) group. *Journal of the American Medical Association* 2000, 283: 2008–12.
- THUN, B.; KEVIN KELLOWAY, E. Virtuous leaders: Assessing character strengths in the workplace. **Canadian Journal of Administrative Sciences/Revue Canadienne des Sciences de l'Administration**, 28(3), 270-283. 2011.
- TREVIÑO, L. K., WEAVER, G. R.; REYNOLDS, S. J. Behavioral ethics in organizations: A review. **Journal of management**, 32(6), 951-990. 2006.
- VENKATRAMAN, N.; RAMANUJAM, V. Measurement of business economic performance: An examination of method convergence. **Journal of management**, 13(1), 109-122. 1987.
- WRIGHT, T. A.; GOODSTEIN, J. Character is not “dead” in management research: A review of individual character and organizational-level virtue. **Journal of management**, 33(6), 928-958. 2007.
- WAGNER, A. What really motivates people to be honest in business. 2016. (13m27s). Disponível em: <<https://youtu.be/Qhomjw2P-V0?list=WL>>. Acesso em: 08 fev. 2018.
- ZINGALES, L. **Does finance benefit society?** NBER, Working Paper 20894. <http://www.nber.org/papers/w20894>. Acesso em: 11 de Fev 2019. 2015.